



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE FARMÁCIA

**PREVALÊNCIA DO CONHECIMENTO SOBRE IST/AIDS EM
ADOLESCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS NA CIDADE DE
ARACAJU/SE**

EULENE FONTES PEREIRA
YASMYM FREITAS DO VALE

São Cristóvão - SE
2017

EULENE FONTES PEREIRA
YASMYM FREITAS DO VALE

TÍTULO: Prevalência do conhecimento sobre
IST/AIDS em adolescentes de escolas públicas
na cidade de Aracaju/SE. Trabalho de
Conclusão de Curso, sob orientação do Prof.
Doutor Lysandro Pinto Borges.

São Cristóvão - SE

2017

ÍNDICE

1. Introdução-----	04
2. Objetivos-----	06
2.1. Objetivos Gerais-----	06
2.2. Objetivos Específicos-----	06
3. Materiais e Métodos-----	07
3.1. Tipo de Estudo-----	07
3.2. Análise de Dados-----	07
3.3. Local de Realização do Estudo-----	08
4. Resultados e Discussão-----	08
5. Conclusão-----	16
6. Referências Bibliográficas-----	17
7. Anexo I-----	20

1. INTRODUÇÃO

A adolescência é a fase em que há uma vulnerabilidade em muitos adolescentes, já que ocorre mudanças no corpo e transformações fisiológicas decorrentes da puberdade (*MESQUITA et al.; 2017*).

Outra mudança que acontece é a psicológica, uma vez que o modo de agir e pensar dos mesmos são modificados na proporção que o novo surge e com isso, iniciam cada vez mais precoce as relações sexuais, sem ter o devido conhecimento sobre a forma de prevenir-se contra infecções sexualmente transmissíveis, AIDS e ainda como evitar uma gravidez indesejada (*GONÇALVES et al.; 2016*).

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), a grande maioria dos adolescentes inicia a sua vida sexual cada vez mais cedo, a maioria entre 12 e 17 anos, desacompanhada da responsabilidade social que tem o seu início cada vez mais tardio (*BRÊTAS et al.; 2009*).

A iniciação da vida sexual na adolescência se dá principalmente devido a ampliação no grupo de amizade, numa transição de grupos de amigos do mesmo sexo para grupos mistos (*SANTOS et al.; 2016*).

O início da relação sexual adiantada entre os adolescentes é um fator decisivo para que se tenha um aumento não só, no número de gravidez indesejada, como também no índice de jovens com IST e AIDS, e uma das causas disso é devido à ausência de informações sobre a vida sexual e como se prevenir contra essas patologias (*SOARES et al.; 2015*).

A falta de conhecimento sobre as infecções sexualmente transmissíveis é determinante para adquirir-se uma IST, segundo (*TEIXEIRA et al, 2015*) quantificar até que ponto uma pessoa, nesse caso adolescente, possui a informação sobre IST é essencial para que intervenções sejam elaboradas, e assim, evitar um problema de saúde a ser contraído.

Estudos demonstram, quanto ao comportamento sexual dos adolescentes, que a maioria, mesmo conhecendo os métodos contraceptivos, inicia a vida sexual sem proteção e, no seguimento da atividade sexual, quase 30% não se protegem, tanto na contracepção como contra as IST/AIDS (*MIRANDA et al.; 2016*).

As Infecções Sexualmente Transmissíveis em adolescentes refletem o padrão de IST na população adulta e, conhecimentos, atitudes e práticas da sociedade. Eles também servem como um indicador de estratégias de controle de IST (*RODRIGUES et al.; 2014*).

Ainda segundo (*GARBIN et al.; 2010*), mesmo que os jovens disponham de um maior entendimento que os adultos em relação às infecções sexualmente transmissíveis, esse conhecimento ainda é irrelevante. Uma vez que, o fato de saberem e entenderem os riscos das IST, não garante que esses adolescentes adotem os métodos preventivos contra essas infecções.

Quanto ao uso do preservativo, existe uma diferença relevante entre a importância dada sobre a utilização do mesmo entre os meninos e meninas. Grande parte dos meninos faz uso como forma de prevenção contra as IST, por sua vez, as meninas entendem que o emprego do preservativo é principalmente para não adquirir uma possível gravidez inesperada. A vida sexual dos jovens e adolescentes inicia-se, em média, a partir dos 15,3 anos para ambos os sexos (*SOARES, ALBRECHT; 2016*).

A identificação do nível de informação dos jovens sobre as formas de transmissão e prevenção da infecção pelo HIV e outras ISTs pode favorecer a adoção de estratégias mais eficazes para o controle e prevenção desses agravos (*COELHO et al.; 2011*).

De acordo com dados do último Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde, o crescimento de AIDS na juventude (15 a 24 anos) continua sendo uma preocupação importante e as ações nesse segmento tem de ser intensificadas. De 2006 a 2015 a taxa de detecção de casos de AIDS entre jovens do sexo masculino

com 15 a 19 anos quase que triplicou (de 2,4 para 6,9 casos por 100 mil habitantes) (UNAIDS, 2016).

Diante do exposto, torna-se relevante caracterizar as informações dos adolescentes sobre as formas de transmissão e prevenção da infecção pelo HIV e outras ISTs. E assim, possibilitar o delineamento de estratégias mais eficazes para o controle e prevenção desses agravos.

2. OBJETIVOS

2.1- Objetivo Geral

Caracterizar o conhecimento sobre métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis em estudantes de escolas públicas da cidade de Aracaju/SE.

2.2- Objetivos Específicos

- Caracterizar o conhecimento de adolescentes de escolas públicas sobre prevenção, sinais e sintomas IST/AIDS;
- Caracterizar o comportamento afetivo sexual, bem como o conhecimento sobre métodos contraceptivos e identificar possíveis diferenças de gênero;
- Descrever na população estudada qual a predominância de atividade sexual quanto ao gênero, e em relação a idade da primeira relação sexual;
- Caracterizar a prevalência quanto ao uso de preservativos, anticoncepcionais, pílula do dia seguinte e sinais e/ou sintomas relacionados às IST.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

3.1. Tipo de Estudo

Trata-se de um estudo transversal, com abordagem quantitativa, caráter descritivo e coleta de dados prospectiva, realizado por meio da aplicação de questionário semi-estruturado em estudantes de ambos os sexos regularmente matriculados em escolas públicas na cidade de Aracaju/SE.

O questionário é constituído de 12 perguntas (ANEXO I), respondidas pelos próprios estudantes e suas dúvidas foram esclarecidas no momento da aplicação, o questionário abordou tópicos básicos sobre IST/AIDS, métodos contraceptivos, variáveis relacionadas aos dados sócio-demográficos (idade e gênero) e sobre o comportamento sexual do entrevistado, sem ser necessária a identificação pessoal.

A aplicação dos questionários só foi possível através do projeto de extensão sobre prevenção contra as ISTs realizado pelo professor doutor Lysandro Pinto Borges, da Universidade Federal de Sergipe. Após o término das atividades proposta por ele nas escolas, o questionário era aplicado aos alunos.

Serão incluídos na pesquisa os adolescentes do sexo masculino e feminino, cuja faixa etária será entre 12 e 18 anos de idade, estudantes de escolas públicas em Aracaju. Não fará parte da pesquisa estudantes com idade inferior e superior a faixa etária estabelecida.

3.2. Análise de dados

Os dados coletados foram tabulados e analisados com auxílio do programa Excel versão 2013, apresentados em forma de tabela e gráficos.

3.3. Local de realização do Estudo

O estudo foi realizado no ano de 2017 em sete escolas públicas predefinidas localizadas na cidade de Aracaju/SE, foram elas: EMEF Olga Benário, EMEF Laonte Gama, EMEF Sérgio Francisco, E.E. Rodrigues Dorea, CE SEN. José Alves Nascimento, E.E. Monteiro Lobato e E. Jacinto de Figueiredo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O universo amostral foi representado por 302 estudantes, 145 do sexo masculino (48,1%) e 157 do sexo feminino (51,9%). A idade dos estudantes variou de 12 a 18 anos, com média de 14 anos de idade, não havendo diferença significativa entre os sexos. Segundo dados do *IBGE (2010)*, mulheres são maioria na população do Brasil cerca de 51%, enquanto os homens 49%.

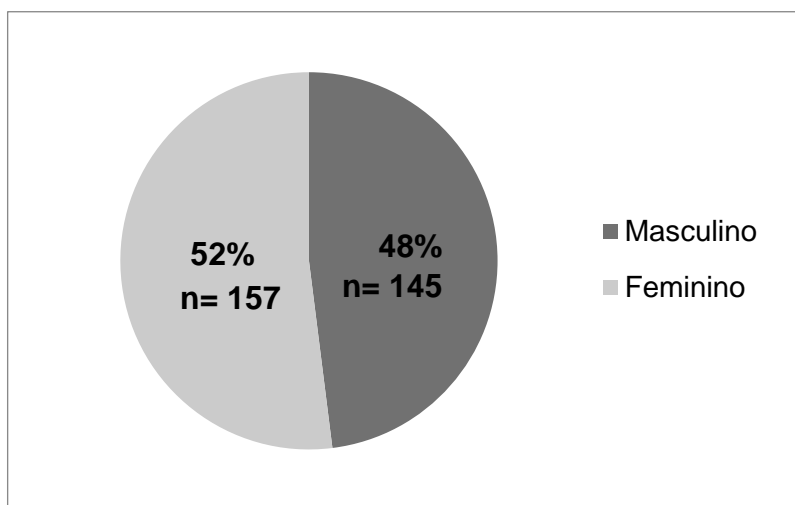


Gráfico 1. Percentual dos estudantes por gênero.

Sobre a questão da virgindade e do comportamento afetivo sexual, foi verificado que 65,6% dos discentes ainda não tiveram experiências sexuais, por outro lado, 34,4% afirmaram já terem vivido experiências sexuais, percentuais semelhantes encontrados quando os resultados foram confrontados pelo gênero. No presente estudo foi verificado elevado percentual dos discentes que ainda não iniciou a prática sexual, dados confirmados por pesquisas semelhantes realizadas em ambiente escolar (*MIRANDA et al, 2016; PORTELA et al, 2013*).

Uma pesquisa realizada pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (*UNESCO*) em 2001 enfatiza que a primeira relação sexual acontece, em média, aos 14,5 anos entre meninos e aos 15,5 anos entre meninas.

Variáveis	Masculino		Feminino		Total	
	Nº	(%)	Nº	(%)	Nº	(%)
Índice de adolescentes matriculados em escolas públicas e sua adesão à vida sexual						
Total	145	48,0	157	52,0	302	100,0
Sim	55	38,0	49	31,2	104	34,4
Não	90	62,0	108	68,8	198	65,6

Tabela 1. Índice de adolescentes, por sexo, matriculados em escolas públicas de 8º e 9º anos da cidade de Aracaju/SE.

A média de idade da primeira relação sexual foi de 14 anos, com amplitude de 12 a 17 anos para as meninas e de 7 a 16 para os meninos. Considerando o intervalo entre 13 e 15 anos, foi verificado que 61,8% dos estudantes tiveram sua primeira experiência sexual nesse intervalo de tempo das suas vidas. A diferença entre os sexos é consistente com diversos estudos: homens iniciam a vida sexual mais cedo do que as mulheres, e podem ter menos dificuldades para relatar isso, ou até mesmo exagerar o relato, diminuindo a idade (*MARINHO et al., 2009*).

Os estudos que apuraram a idade na qual ocorre a primeira relação sexual entre os adolescentes do Brasil, chegaram a uma amplitude entre 14 e 16 anos de idade (*HUGO et al., 2011; PORTELA; ARAUJO, 2013*), resultados semelhantes ao do presente estudo. A iniciação sexual de garotas e garotos em uma mesma idade é um fato interessante por ocorrer em uma cultura que tradicionalmente tem estimulado os jovens do sexo masculino a iniciarem suas práticas sexuais bem mais cedo do que o sexo feminino (*BORGES et al., 2005*).

Pesquisadores assinalam que a idade média de início da vida sexual pode ser importante na prevenção das IST, já que se relaciona com uma maior escolaridade

da pessoa, melhor aprendizagem sobre o assunto e, assim, menor vulnerabilidade social (OLIVEIRA *et al.*, 2009).

Variáveis	Masculino	Feminino	Total
	Nº	Nº	Nº
Idade da primeira relação sexual			
Total	55	49	104
7 anos	2	0	2
9 anos	4	0	4
12 anos	6	6	12
13 anos	12	9	21
14 anos	21	17	38
15 anos	5	12	17
16 anos	5	3	8
17 anos	0	2	2

Tabela 2. Distribuição da idade de meninos e meninas em relação ao início da atividade sexual.

Com relação à utilização de métodos seguros para se evitar a gravidez indesejada e as infecções sexualmente transmissíveis, 39% dos discentes sexualmente ativos afirmaram ter utilizado camisinha na sua primeira relação sexual, enquanto 61% responderam que não fizeram uso da camisinha. (COELHO *et al.* 2011) apontam que 41,8% relataram o uso de preservativo na primeira relação e somente 23% dos alunos afirmaram que se protegeram em todas as vezes em que tiveram relações sexuais.

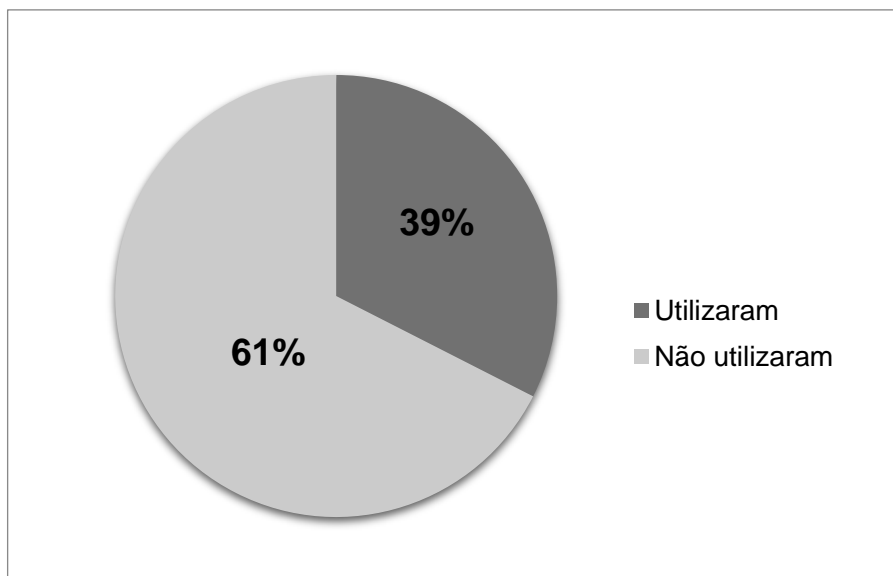


Gráfico 2. Distribuição do uso de preservativo na 1ª relação sexual de ambos os sexos.

Quando perguntado sobre a utilização da camisinha em suas relações sexuais, 57% dos estudantes responderam que fazem uso da mesma, enquanto 43% não costumam usar a camisinha em suas relações sexuais. Este estudo mostra que prevalece o número de adolescentes que usam preservativos em todas as suas relações sexuais, para os adolescentes que não se previne, mesmo tendo informações, é necessário compreender suas razões, identificar e implementar estratégias de prevenção mais eficazes. Pesquisas nacionais ainda apontam para um baixo uso de preservativo masculino entre os adolescentes brasileiros. Vários são os fatores que levam adolescentes a não utilizarem preservativo na primeira relação sexual; entre eles, podem-se citar: o não planejamento do ato sexual; não ter preservativo no momento da relação sexual; e até mesmo a falta de conhecimento e instrução em relação ao uso (BATISTA *et al.*, 2011).

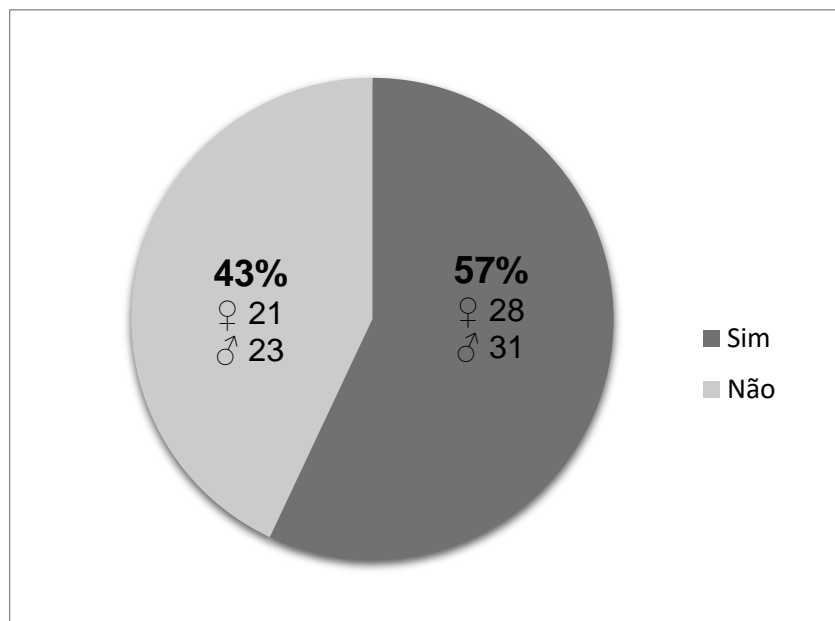


Gráfico 3. Distribuição do uso de preservativos nas relações sexuais em ambos os sexos.

Sobre a utilização de métodos anticoncepcionais, foi verificado que de um total de 49 meninas, apenas 21 delas (42,8%) fazem uso do anticoncepcional, enquanto 28 adolescentes ativas (57,2%) não fazem uso. Já com relação à utilização da pílula do dia seguinte, 41% de um total de (n=49), ou seja, 20 meninas sexualmente ativas já fizeram uso da pílula do dia seguinte como método contraceptivo. Entre os fatores que influenciam o não-uso de MAC estão, principalmente, a esporadicidade e a falta de planejamento das relações sexuais. Dentro dessa perspectiva, pesquisadores ressaltam que a existência de uma relação de confiança entre os parceiros e o uso do anticoncepcional oral podem acarretar descuido com relação ao uso do preservativo, favorecendo o indeferimento do risco vivente (*CHAVES et al., 2014*).

O fato de passar a conhecer o parceiro elimina, em nível do imaginário, todos os riscos de se adquirir uma IST/AIDS, não fazendo o adolescente, a identificação de que se trata de doenças que tem um período de latência para o aparecimento dos sintomas, ou que existam formas subclínicas, não perceptíveis ao contato visual (*BRÊTAS et al., 2009*).

Em relação ao não uso de métodos contraceptivos, medicamento ou preservativo, pode ocasionar uma gravidez indesejada, logo, a concepção de que a

gravidez na adolescência é resultante da falta de informação sobre métodos contraceptivos ainda é bastante corrente, tanto na literatura quanto no senso comum. É também frequente a temática sobre contracepção aparecer relacionada à da iniciação sexual. Argumenta-se que, quanto mais precoce a iniciação sexual, menores são as chances de uso de métodos contraceptivos e, consequentemente, maiores são as possibilidades de gravidez. De mesma forma, é estabelecida uma correlação entre escolaridade e contracepção: quanto maior o grau de escolaridade do jovem, maiores são as chances de utilização de algum método tanto na primeira relação sexual quanto nas subsequentes (CABRAL; 2003).

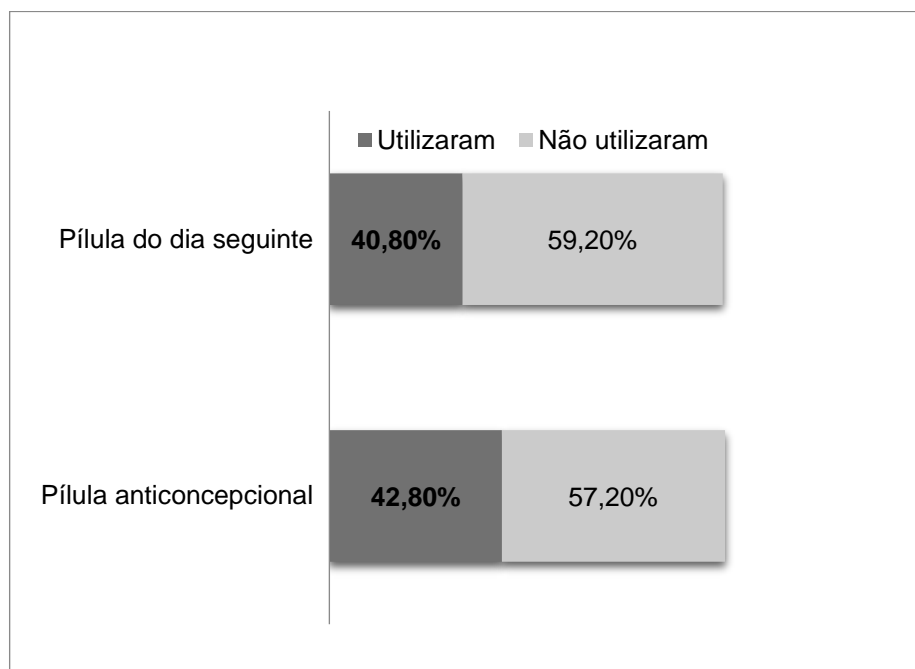


Gráfico 4. Distribuição do uso de métodos contraceptivos em adolescentes sexualmente ativas.

Em relação às questões relacionadas à saúde sexual, foi perguntado se o estudante já teve algum tipo de ferida ou verruga no pênis ou na vagina, e verificou-se que 97% responderam não ter apresentado algum desses sintomas, enquanto 3% dos estudantes responderam que já teve. Já na questão seguinte foi perguntado se já foi notado alguma secreção, líquido de cor diferente saindo do seu órgão genital (pênis ou vagina), observou-se que 88,3% dos estudantes responderam não ter notado, já 11,7% afirmaram ter apresentado algum desses sintomas. Devido ao prévio conhecimento dos estudantes sobre as ISTs/AIDS há possibilidade de ter

ocorrido algum viés de informação sobre a saúde sexual, pois tratar-se de doenças que tem um período de latência para o aparecimento dos sintomas, ou que existam formas subclínicas não perceptíveis ao contato visual. Além do fato se tratar de um assunto de natureza íntima que pode causar constrangimento e desconfiança quanto ao sigilo das informações coletadas, e ainda a identificação de que se trata.

Analisando o conhecimento prévio dos estudantes sobre métodos contraceptivos e transmissão das IST/AIDS, foi verificado que 88% dos estudantes de ambos os sexos acham que uma pessoa pode adquirir AIDS caso tenha relações sexuais sem fazer uso da camisinha, já 9% acreditam que não é possível à contaminação pelo vírus sem o uso da mesma e 3% não souberam opinar. Portanto, a maioria dos adolescentes expostos ao questionário, demonstrou ter um bom nível de conhecimento prévio sobre a forma de transmissão, semelhante ao resultado encontrado por (VALIM *et al.*; 2015), onde 95,3% respondeu acreditar que o uso do preservativo evita IST, logo, mediante ao fato de que nessa fase da adolescência possua uma maior vulnerabilidade à infecção, devido ao desejo de explorar novas sensações e experimentar riscos, os resultados encontrados nesse estudo foram favoráveis.

Ainda sobre o conhecimento de métodos contraceptivos, quando questionados se a utilização de remédios para não engravidar ser uma forma de proteção contra doenças sexualmente transmissíveis, 18,2% de ambos os sexos responderam que sim, 70,8% disseram que não é uma forma de proteção e 11% não souberam opinar. Com isso, mostra que apesar da maioria dos adolescentes saberem a forma de se prevenir contra doenças e que os medicamentos somente são para evitar uma gravidez indesejada, cerca de quase 30% dos estudantes demonstraram não ter conhecimento sobre o assunto, um dado preocupante que mostra a necessidade do desenvolvimento de medidas preventivas para este grupo, com enfoque na orientação sexual.

Portanto, a facilidade que os jovens e adolescentes possuem para ter acesso a informações acerca da sexualidade é imensa, pela televisão e, principalmente, pela popularização da internet, em computadores pessoais, tablets, celulares e outros

aparelhos afins. Contudo, mesmo com esse bombardeio de informações, muitas vezes de qualidade duvidosa, não é raro que os nossos jovens permaneçam com muitas dúvidas e inquietações, principalmente por estarem justamente no momento de construção da sua sexualidade (*BRETAS, 2009*).

Os resultados evidenciados pelo estudo mostram a necessidade da efetivação de serviços de aconselhamento e assistência à saúde reprodutiva, que sejam dirigidos, especificamente, ao grupo de jovens e de adolescentes. Devido à urgência de melhorar o nível de consciência pública, deve-se procurar o alcance de estratégias mais eficazes para mudar o comportamento sexual de risco nessa população.

Relação de perguntas e respostas sobre a saúde sexual e conhecimento prévio sobre transmissão das ISTs/AIDS.	
PERGUNTAS	RESPOSTAS (%)
1. Você já teve algum tipo de ferida ou verruga no pênis ou na vagina?	97% responderam não ter apresentado algum desses sintomas.
2. Você já notou alguma secreção, líquido de cor diferente saindo do seu órgão genital (pênis ou vagina)?	88,3% responderam não ter notado algum desses sintomas.
3. Você acha que uma pessoa pode pegar AIDS se tiver relações sexuais sem camisinha?	88% acha que uma pessoa pode adquirir AIDS caso não faça uso da camisinha.
4. Você acha que tomar remédio para não engravidar é uma forma de se proteger de doenças sexualmente transmissíveis?	70,8% responderam que tomar remédio para não engravidar não é uma forma de proteção contra as IST.

5.CONCLUSÃO

Com base no estudo realizado, verificou-se que existe um conhecimento mesmo que prévio por parte dos adolescentes das escolas públicas sobre prevenção das ISTs/AIDS, já que dos alunos que possuem vida sexual ativa, a maioria utiliza algum dos métodos preventivos contra as infecções sexualmente transmissíveis.

Assim, pode-se afirmar que a vida sexual dos adolescentes é uma realidade incontestável, com a iniciação sexual sendo cada vez mais precoce. Por isso é imprescindível proporcionar a esse grupo uma orientação sexual envolvendo programas educativos que abranjam o contexto sócio-cultural, educacional, familiar e emocional em que os adolescentes estão inseridos, focando na questão dos métodos contraceptivos e na prevenção.

Mesmo que a maioria dos adolescentes apresentem informações básicas sobre as ISTs, eles ainda necessitam de uma educação eficaz e contínua que envolva o tema, pois só assim irão adquirir conhecimentos que promovam mudanças no seu comportamento sexual.

Logo, a construção de práticas educativas nas escolas dará oportunidade aos adolescentes de questionarem, se envolverem e participarem, trabalhando suas próprias dúvidas e permitindo questionamentos. Possibilitando assim, um desenvolvimento mais natural de sua sexualidade.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA AB, MARTINS ALM. **Conhecimento de adolescentes sobre o uso de preservativo masculino.** Cenarium Pharm. 2011; 4(4):1-30;

BORGES ALV; SCHOR N. **Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero: um estudo transversal em São Paulo.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 21(2):499-507, mar-abr, 2005;

BRÊTAS, J.R.S; OHARA, C.V.S.; JARDIM, D.P.; MUROYA, R.L. **Conhecimento sobre DST/AIDS por estudantes adolescentes.** Revista Esc. Enfem. USP, 2009;43(3):55-7;

CABRAL C. S. **Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 19(Sup. 2): S283-S292, 2003;

CHAVES ACP, BEZERRA EO, PEREIRA MLD, WOLFGANG W. **Conhecimentos e atitudes de adolescentes de uma escola pública sobre a transmissão sexual do HIV.** Rev bras enferm. 2014; 67(1):48-53;

COELHO, M.T.A.D.; FRANCO, B.A.F.M.; CAMPOS, M.S.; SÁ, A.A.S.; BORGES, N.J.; SILVA, T.P. **Conhecimento de estudantes de ensino médio e universitários acerca da transmissão do HIV e uso de preservativos.** Salvador: 2011;

COELHO, R.F.S.; SOUTO, T.G.; SOARES, L.R.; LACERDA, L.C.M.; MATÃO, M.E.L. **Conhecimentos e crenças sobre doenças sexualmente transmissíveis e HIV/AIDS entre adolescentes e jovens de escolas públicas estaduais da região oeste de Goiânia.** Revista Patologia Tropical, Vol. 40 (1): 56-66. jan.-mar. 2011;

GARBIN C.A.S.; LIMA D.P.; DOSSI A.P.; ARCIERI R.M.; ROVIDA T.A.S. **Percepção de Adolescentes em Relação a Doenças Sexualmente**

Transmissíveis e Métodos Contraceptivos. DST - J bras Doenças Sex Transm. 2010; 22(2). 6;

GONÇALVES, L.F.F.; FARIA, D.S.A.; BATISTA, E.S.; FERREIRA, S.R.; ASSIS, S.M. **Promoção de saúde com adolescentes em ambiente escolar: Relato de experiência.** SANARE, Sobral - V.15 n.02, p.160-167, Jun./Dez. – 2016;

HUGO, T.D.O.; MAIER, V.T.; JANSEN, K.; RODRIGUES, C.E.G.; CRUZEIRO, A.L.S.; ORES, L.C.; PINHEIRO, R.T.; SILVA, R.; SOUZA, L.D.M. **Fatores associados à idade da primeira relação sexual em jovens: estudo de base populacional.** Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.27, n.11, p. 2207-2214, 2011;

MARINHO LFB, AQUINO EML, ALMEIDA MCC. **Práticas contraceptivas e iniciação sexual entre jovens de três capitais brasileiras.** Cad Saúde Pública. 2009; 25:227-239;

MESQUITA, J.S.; COSTA, M.I.F.; LUNA, I.T.; SILVA, A.A.; PINHEIRO, P.N.C. **Fatores de risco e proteção entre adolescentes em relação às DST/HIV/AIDS.** Rev. Enferm. UFPE online. Recife, 11(3):1227-33, mar. 2017;

MIRANDA, A.A.M.; SILVA, C.G.O.; TIMOTEO, G.M.; ASSIS, L.F.; DEL'DUCA, A.; CARVALHO, A.R.; MIRANDA, J.P.L. **Conhecimentos acerca de DST/AIDS e métodos contraceptivos dos discentes dos cursos técnicos integrados do IF Sudeste MG- Campus Juiz de Fora.** Multiverso v. 1, n. 1 (2016): 25-36;

OLIVEIRA DC, PONTES APM, GOMES AMT, RIBEIRO MCM. **Conhecimentos e práticas de adolescentes acerca das DST/HIV/AIDS em duas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro.** Esc Anna Nery Rev Enferm. 2009; 13(4):833-41;

PORTELA, N.L.C.; ARAÚJO, L.P. **Conhecimento e prática dos métodos contraceptivos por estudantes adolescentes: um estudo comparativo**. Revista Univap, São José dos Campos, v.19, n.33, p. 13-24, 2013;

RODRIGUES, M.O.; ONOFRE, P.S.C.; OLIVEIRA, P.P.; AMARAL, J.L. **Conhecimento dos adolescentes de uma escola da rede pública sobre as principais doenças sexualmente transmissíveis**. R. Enferm. Cent. O. Min. 2014 set/dez; 3(4):1268-1280;

ROMERO, K.T.; MEDEIROS, E.H.G.R.; VITALE, M.S.S.; WEHBA, J. **O conhecimento das adolescentes sobre questões relacionadas ao sexo**. Revista da Associação Médica Brasileira, São Paulo: v. 53, n. 1, p. 14-19, 2007;

SANTOS, P.; SILVA, J.C.M.; ALVES, M.R.; RODRIGUES, V.D. **Comportamento de risco à saúde na adolescência: Percepção de estudantes de uma escola pública**. Revista Multitexto, 2016, v. 4, n. 01;

SOARES, L.R.; CABERO, F.V.; SOUT, T.G.; COELHO, R.F.S.; LACERDA, L.C.M.; MATÃO, M.E.L. **Avaliação do comportamento sexual entre jovens e adolescentes de escolas públicas**. Adolesc. Saúde, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 76-84, abr/jun 2015;

TEXEIRA, L.O.; FIGUEIREDO, V.L.; SASSI, R.A. **Adaptação transcultural do Questionário sobre Conhecimento de Doenças Sexualmente Transmissíveis para o português brasileiro**. J. Bras. Psiquiatr. 2015;64(3):247-56;

UNAIDS. Estatísticas. Disponível em: URL:<<http://unaid.org.br/estatisticas>>. Acessado em 17/10/2017;

VALIM EDA, DIAS FA, SIMON CP, AMEILDA DV, RODRIGUES MLP. **Utilização de preservativo masculino entre adolescentes de escolas públicas na cidade de Uberaba (MG), Brasil: conhecimentos e atitudes**, Cad. Saúde Colet., 2015, Rio de Janeiro, 23 (1): 44-9.

ANEXO I



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE FARMÁCIA

QUESTIONÁRIO

1. Você é do sexo:
☐ Feminino ☐ Masculino
2. Quantos anos você tem? _____
3. Você já teve relações sexuais?
☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei
4. Quantos anos você tinha quando teve relações sexuais pela primeira vez? _____
5. Você usou camisinha quando teve relações sexuais pela primeira vez?
☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei
6. Você costuma usar camisinha em suas relações sexuais?
☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei
7. Faz uso de anticoncepcional?
☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei
8. Você já usou pílula do dia seguinte?
☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei
9. Você já teve algum tipo de ferida ou verruga no pênis ou na vagina?
☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei
10. Você notou alguma secreção, líquido de cor diferente saindo do seu órgão genital (pênis ou vagina)?
☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei
11. Você acha que uma pessoa pode pegar AIDS se tiver relações sexuais sem camisinha?
☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei
12. Você acha que tomar remédio para não engravidar é uma forma de se proteger de doenças sexualmente transmissíveis?
☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

Chegamos ao fim. A todos agradecemos a paciência, boa vontade e enorme contribuição ao nosso trabalho. Muitíssimo obrigada!